

## Utopias: Josué de Castro e o *Mangue Beat*

Maria Aparecida Lopes Nogueira – UFPE

*Fui levado a reservar, até hoje,  
a maior parcela de minha ternura  
para a sociedade dos mangues  
- a sociedade dos caranguejos e dos homens, seus  
irmãos de leite, ambos filhos da lama.*  
(Josué de Castro)

*Vi um caranguejo andando pro sul  
Saiu do mangue, virou gabiru  
Oh, Josué, eu nunca vi tamanha desgraça  
Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça.*  
(Chico Science)

### RESUMO

A pretensão é reconhecer a atualidade do ideário de Josué de Castro para a deflagração do *Movimento Mangue*, ocorrido no final dos anos 80 e início dos anos 90, na cidade do Recife, estado de Pernambuco. Ambos, Josué de Castro e *Mangue Beat*, constituem utopias que investem em cenários mais dignos para o Homem e para todos os sistemas vivos. O objetivo é reunir um conjunto de reflexões que procure interpretar a metáfora do *Homem-Caranguejo*, como uma das mais instigantes e seminais para a compreensão da atual cena cultural pernambucana. Trata-se de adotar uma visão mais totalizadora e universal do humano, aquela que religa Natureza-Cultura, Homem-Meio Ambiente, Arte-Vida. Nesse âmbito, o *Movimento Mangue* percorre as trajetórias “da lama ao caos/ do caos à lama”, numa ousada recursividade. No enfrentamento dos desafios impostos pela pulsão de ultrapassar as fronteiras do Recife por meio do diálogo entre a tradição (maracatu, coco, ciranda,...) e a cultura pop internacional (rock, hip hop,...) os protagonistas da *Cena* (*Chico Science & Nação Zumbi* e *Mundo Livre S.A*) forjaram uma metáfora-estratégia: “uma antena parabólica enfiada na lama”.

Palavras-chave: Josué de Castro. Homens-Caranguejo. Movimento Mangue. Recife.

## ABSTRACT

The intention is to recognize the relevance of the ideals of Josué de Castro for the outbreak of the *Mangue Movement*, occurred in the late 80s and early 90s, in the city of Recife, state of Pernambuco. Both, Josué de Castro and *Mangue Beat*, utopias are investing in the most worthy scenery for man and all living systems. The objective is put together a set of ideas that seeks interpreting the metaphor of the Crab Man, as one of the most instigating and seminal to understanding the current cultural scene of Pernambuco. It is about adopting a more totalizing and universal vision of human, which connects Nature-Culture, Human-Environment, Art-Life. In this context, the *Mangue Movement* walks through the path “of mud to chaos / from chaos to mud”, a bold recursion. In confronting the challenges imposed by the drive to overcome the boundaries of the reef by means of dialogue between tradition (maracatu, coco, ciranda,...) and international pop culture (rock, hip hop,...) the protagonists of the *Scene (Chico Science & Nação Zumbi and Mundo Livre SA)* forged a metaphor-strategy: “a satellite dish stuck in the mud”.

Keywords: Josué de Castro. Men-Crab. Mangue Movement. Recife.

A metáfora *homem-caranguejo* constitui um dispositivo operador-metodológico capaz de religar as utopias de Josué de Castro e do *Mangue Beat*, movimento no qual os cenários, personagens e enredos esculpem um Recife do final dos anos 80 e início dos anos 90. Tal metáfora constitui uma das mais instigantes e seminais para a compreensão da tríade Homem, Meio-Ambiente e Arte, pois é um exercício de ultrapassagem do abismo que teima em separar a cultura científica e da cultura das humanidades:

“Cedo me dei conta deste estranho mimetismo: os homens se assemelhando em tudo aos caranguejos. Arrastando-se, acachapando-se com os caranguejos para poderem sobreviver. Parados como os caranguejos na beira da água ou caminhando como caminham os caranguejos” (CASTRO, 2003, p. 26-27). Foram formados na lama: se encharcam da negritude da água. Gente e bicho, se apropriam de dois formatos, inaugurando um formato híbrido, ao reiterar a existência de um tipo de metapadrão que, estranha e cruelmente transgride modos de ser, como se homens e caranguejos executassem um delirante balé, reservado aos miseráveis.

A segunda epígrafe do presente texto é um trecho de uma letra da canção “Da Lama ao Caos”, também título do primeiro cd da banda *Chico Science & Nação Zumbi*, que no início da década de 90 – juntamente com a banda *Mundo Livre S.A.*, protagonizou o *Movimento Mangue* na cidade do Recife.

*Oh, Josué*, explode o verso. Apelo comovente que reconhece a atualidade e a influência decisiva de Josué de Castro na criação do referido Movimento e a força da afirmação: “Na verdade, foram os mangues os primeiros conquistadores desta terra” (CASTRO, 2003, p. 27).

O *homem-caranguejo* reitera sua qualidade metafórica ao fornecer enfoque objetivo; ou seja, encarnando as matérias do mundo exterior. Por isso ela é reveladora de uma espécie de contra-ser constituinte da condição humana, que ataca as coisas mobilizado por uma dialética de miséria e cólera, cólera que liberta (BACHELARD, 1998).

Homem, Caranguejo, Mangue e Lama encenam uma espécie de dramaturgia do sujo, na qual o contra-ser – apesar de toda a repugnância – tenta retirar da imundície seu sustento, como revelam os versos do compositor baiano Waldeck Macedo, o *Gordurinha*, na canção *Vendedor de Caranguejos* (1975):

“CARANGUEJO SÁ

Olha o gordo guaiamum  
 Quem quiser comprar algum  
 Cada corda de dez  
 Eu dou mais um.  
 Caranguejo Sá, caranguejo Sá  
 Apanho ele na lama  
 E joga no meu caçua.  
 Eu perdi a mocidade  
 com os pés cheios de lama  
 Eu fiquei analfabeto  
 mas meus filhos criou fama  
 Pelo gosto dos menino  
 Pelo gosto da mulher  
 Eu já ia descansar  
 Não sujava mais os pé.  
 Os bichinho tão criado  
 Satisfiz o meu desejo  
 Eu podia descansar  
 Mas continuo vendendo caranguejo”.

A contradição atração e recusa suscitada pela Lama é própria de toda matéria mole; ela exprime o dinamismo específico do trabalho a ser feito. Ou seja, domesticar a lama por meio da manipulação: atravessar a negritude, espessura e o grude para retirar o caranguejo.

O trabalhador, ou contra-ser, ataca a lama-arapuça, em um difícil e penoso ofício. Como *escultura de lama*, torna-se um centro de hostilidade, pois luta contra a matéria viva. Perseverante, sua mão tortuosa e confiante mergulha mais fundo na lama à cata dos buracos onde se encontram os caranguejos. Passa o dia inteiro nessa função de catar caranguejos. Essa rotina cruel os despedaça, os faz cair no oco do mundo, como prisioneiros eternos que jamais conseguirão pagar suas dívidas com os deuses.

Integrante das cartografias planetárias da fome delineadas por Josué de Castro, o Mangue do Recife e sua “lama que come mocambo e no mocambo tem molambo” (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994 e ZEROQUATRO, 1994), trazem consigo um cortejo de famigerados, desesperançosos, tal qual *Severino*, personagem de João Cabral de Melo Neto em *Morte e Vida Severina*:

“Mangue, o conceito: Estuário. Parte terminal de rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos das marés” (ZEROQUATRO, 1994).

A precariedade a que são submetidos os integrantes de tal cortejo exprime sua condição de lixo, segundo as formulações de Bauman (2005). São reféns da dor, da inquietude, da miséria, da cólera e da fome. Lançados brutalmente à condição de refugo, exibem de forma emblemática o caráter irreversível da própria indeterminação: “são patrimônios inúteis da humanidade?” (BARROS, 2007, p. 43). Seres sem importância? Que cor tem o milagre da sua existência? Caminham em direção ao precipício? Largados na sarjeta, o visgo da lama podre e insuportável os impede de voar para sair do labirinto onde foram confinados? Que *status* de pessoas é conferido para quem desempenha essa tarefa de catador de caranguejo?

Trazer para o debate político a temática da fome, eis o aspecto fundamental da obra de Josué de Castro, tratada com vigor nos livros **Geopolítica da Fome** (1954), **Geografia da Fome** (2001), passando pelo romance **Homens e Caranguejos** (2001). Mobilizado pela dramaticidade do referido tema, enfrentou-o em todos os momentos da vida, como professor, pesquisador, político, intelectual e cidadão. Aberta a ferida da fome, era necessário repetir que não se tratava de uma invenção: a morte implacável ronda o planeta, é fundamental fazer alguma coisa.

Novas *geografias da fome* mantêm e recriam, no Recife e no mundo, a busca por outros Josués de Castro. Mesmo que, de acordo com o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, “o [nosso] país esteja vencendo a fome”, o fato é que ela continua presente na contemporaneidade como um problema mundial; e, como tal, deve ser resolvida. Para isso requer a instauração de uma cidadania planetária, capaz de religá-

la aos problemas relativos ao meio ambiente, à utilização dos recursos naturais, às doenças, às guerras, à exclusão e à intolerância.

A ideia de acabar com o flagelo da fome no mundo reverbera no *Primeiro Manifesto Mangue – Caranguejos com Cérebro*, elaborado na tentativa de perseguir a utopia de Josué de Castro, pois além dos lamentos e rugidos, há vigor, sobressaltos e fertilidade provenientes da lama. Para Zeroquatro (1994): “não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas de casa, para os cientistas os mangues são tidos como os símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza”.

Sob a lógica da ciclicidade, no ecossistema mangue as marés configuram-se em um mecanismo de entrada das águas salinas e saída das águas doces, transfazendo-se em dois movimentos. No primeiro deles, do mar ao mangue, é possível abrigar animais em fase de desova e sementes arrastadas das margens dos rios, permitindo ao mangue fornecer dois terços da produção anual de pescado do mundo. No segundo movimento, do mangue ao mar, as águas férteis do mangue proporcionam ao mar uma maior concentração de peixes, crustáceos e moluscos, por meio de elementos nutrientes.

Fusão de águas. Mar, rio, mangue. Teia da vida: ciclo das marés, ciclo da lua.

A maternidade e fertilidade do mangue-berçário reveste o Recife de lama: uma terra negra. Sobre esse negro solo, os *mangueboys* e *manguegirls* cantam, dançam, colorem e recriam a cidade.

No Recife, ou *Manguetown*, a gramática negra faz viçar o *homem-caranguejo*. Percebido como centro fértil, o Mangue imprime ao Recife sua marca de especificidade. O anúncio, imagem-síntese do *Mangue Beat*, “Uma Antena Parabólica Enfiada na Lama”, permite – estrategicamente – inter-comunicabilidade planetária, mesmo através de um satélite de baixa tecnologia:

Manguetow, a cidade: a planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada e é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex) cidade ‘maurícia’ passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.

Em contrapartida, o desvario irresistível de uma cínica noção de ‘progresso’, que elevou a cidade ao posto de ‘metrópole’ do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.

Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada à permanência do

mito da ‘metrópole’ só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano (ZEROQUATRO, 2004, p. 47).

Ainda hoje, infelizmente, no Recife, muitos habitam as palafitas construídas sobre os manguezais, tornando atual reencenações do romance *Homens e Caranguejos*, de Josué de Castro (2001b). É como se seu escrito inquietante retornasse, fantasmagoricamente, assombrando a todos, sem avisos e sem condescendências. Suas palavras mudaram de pele, de cor, de roupa; mas continuam ali ecoando como mantras. Que fazer com este escrito de ontem que é, também, de hoje? É necessário retomar questões, atualizá-las, refletir criticamente a respeito delas, contextualizá-las.

Como qualquer sistema vivo, o Mangue e o Recife são complexos, autopoieticos; permitem aos *Caranguejos com Cérebro* – híbridos de natureza e cultura – o exercício *ad infinitum* de bricolagens, que expressam a eterna inventividade do *anthropos*. Recife, centro e periferia, é mais um subsistema; mais um fio da teia da vida que une todos os povos em um meta-sistema.

O *Primeiro Manifesto Mangue* (ZEROQUATRO, 1994), ultrapassa a mera condição de Manifesto; é, também, um diagnóstico sócio-econômico-cultural do Recife do final dos anos 80 e início dos anos 90, criticando os equívocos de um almejado progresso alardeado pela formulação de políticas civilizatórias que tentam justificar de uma vez por todas a exclusão, forjada sob a égide da lógica do mercado: “a cidade não pára/ a cidade só cresce/ o de cima sobe/ e o de baixo desce” (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994).

A fluida *Manguetown*, dar a ver – por meio da metáfora, dispositivo imaginário de força inmensurável – um Recife que acolhe as dialogias orgânico-inorgânico, doce-salgado, acústico-eletrônico, tradicional-cosmopolita:

[...] Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de enfartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de ideias pop. O objetivo era

engendrar um ‘circuito energético’, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop (ZEROQUATRO, 1994).

O Recife-lama construído sobre aterros dos manguezais é o caos: caos criador. Paradoxo que expressa que os homens deste lugar são uma continuação das terras negras. Os integrantes do *Movimento Mangue* mantêm sua pulsação arlequinada, pois não se cansam de revisitar a utopia que criaram a partir do diálogo com Josué de Castro. *Homens-caranguejos* se constituem indícios, rumores e prenúncios dos *Caranguejos com Cérebro*:

[...] Bastaram poucos anos para os produtos da fábrica mangue invadirem o Recife e comecem a se espalhar pelos quatro cantos do mundo. A descarga inicial de energia gerou uma cena musical com mais de cem bandas. No rastro dela, surgiram programas de rádio, desfiles de moda, vídeo clipes, filmes e muito mais. Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown (ZEROQUATRO, 1994).

Todas as vezes que o Recife e o mundo delineiam uma vida sem sentidos, esses e tantos outros arlequins espalhados pelo mundo afora, reinventam caleidoscópios de orgasmos, desejos, revelações, misturas, verdores, oráculos, berçários, florações, vertigens, metamorfoses e híbridos. Guiados pelo *húmus* criador de novos itinerários, eles expressam de forma contundente o inventário polifônico que religa vida e arte.

“Que venham os novos tempos: como poucas comunidades do planeta, a *manguetown* está pronta!” (ZEROQUATRO, 2004).

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de Paula Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARROS, M. de. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CASTRO, Josué de. **Geopolítica da fome**: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro, 1954.

\_\_\_\_\_. **Geografia da fome. O dilema brasileiro**: pão ou aço. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Homens e caranguejos**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Fome**: um tema proibido – últimos escritos de Josué de Castro. Organização de Anna Maria de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **Do caos à lama**. Rio de Janeiro: Sony Music; Chaos, 1994. CD.

MACEDO, Waldeck (Gordurinha). **Súplica cearense**. Recife: Gravadora Continental, 1975. LP.

MUNDO LIVRE S/A. **Samba esquema noise**. Manaus: Banguela Records/World Music do Brasil, 1994.

ZEROQUATRO, Fred. Primeiro Manifesto Mangue – Caranguejos com Cérebro (1992). In: CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **Do caos à lama**. Rio de Janeiro: Sony Music; Chaos, 1994. CD.

\_\_\_\_\_. Mangue Beat: a utopia revisitada. **Arrecifes**. Revista do Conselho Municipal de Cultura, Recife, ano 29, n. 8, p. 46-50, mar. 2004.